

PASSAGENS

Carlos Manuel Muñiz (1922-2007)

Félix Peña

De todas as facetas de sua rica personalidade, a diplomacia era a que mais o distinguia. O embaixador Carlos Manuel Muñiz, falecido em 31 de outubro de 2007, em Buenos Aires, era o clássico diplomata. Da velha escola. Culto, refinado, sempre bem informado e atualizado, sabia perguntar e escutar, exato em seus diagnósticos, certo na definição dos caminhos necessários para enfrentar situações concretas – era um grande pragmático –, consciente da importância de estabelecer uma relação correta entre o desejável e o possível.

Via a realidade a partir dos interesses nacionais da Argentina, mas sabia por formação e por instinto que a arte da diplomacia e da negociação internacional requer um esforço constante para entender os interesses nacionais das outras partes. História, personalidades, forças profundas e cultura eram elementos centrais de seu diagnóstico sobre as situações nas quais era solicitado a opinar e agir.

Foi ministro das Relações Exteriores da Argentina entre 1962 e 1963. Antes havia sido subsecretário do Interior e embaixador na Bolívia e no Brasil. Depois, foi embaixador nos Estados Unidos e, anos mais tarde, esteve à frente da Missão Argentina nas Nações Unidas, em Nova York.

Por onde passou deixou sua marca. A marca do criador de instituições, do inspirador de políticas externas, do formador de pessoas.

Dois instituições solidamente estabelecidas na Argentina foram obras suas. Uma, o Instituto do Serviço Exterior da Nação (Isen), produto de sua passagem pelo Ministério. Outra, o Conselho Argentino de Relações Internacionais (Cari). Ambas significaram contribuições valiosas para a diplomacia e para as relações exteriores do país.

O Isen foi criado em 1963. Sua função é formar os diplomatas argentinos. Do seu interior surgiram todos os profissionais de carreira que desde então abastecem os quadros do Serviço Exterior. Foi produto do reconhecimento de que, no campo da diplomacia, a Argentina precisava de recursos humanos especialmente preparados na arte das relações com outras nações. Desta

Félix Peña é diretor do Instituto de Comércio Internacional da Fundação Bank Boston e professor titular em Relações Comerciais e Internacionais da Universidade Nacional de Tres de Febrero (UNTREF).

forma, a carreira diplomática ficou melhor protegida contra os vaivens da vida política. E foi um conceito que, apesar de muitas circunstâncias adversas, calou fundo na cultura do país.

O Cari foi a grande obra de Carlos Manuel Muñiz. Produto de um grupo de personalidades de diferentes origens que entendiam a importância de resgatar para o país a experiência acumulada em suas relações internacionais, transformou-se através dos anos em um espaço de prestígio nacional e internacional, graças ao seu enfoque pluralista e ao rigor intelectual que caracterizou as suas atividades.

Desde a sua criação em 1978, o embaixador Muñiz foi seu presidente. Só fez um intervalo quando de sua última missão diplomática nas Nações Unidas. Foi seu inspirador e seu motor. Dedicou à instituição todos os seus esforços e energias, que eram muitos. Imprimiu um estilo, um espírito, um enfoque metodológico. Garantiu a independência da instituição e também seu compromisso com o bem público em sua dimensão internacional. Através do Cari, nestes quase trinta anos de existência, desfilaram as principais personalidades que visitaram o país, muitas vezes convocadas pela própria instituição para atividades acadêmicas e de relevância internacional. Uma galeria de fotos e um livro com as Memórias da Instituição – na qual Muñiz colocou seu empenho pessoal – são legados que refletem e simbolizam uma obra transcendente.

Como inspirador de políticas externas e, ainda mais, como construtor de consensos em torno delas, o embaixador Muñiz enfatizou várias posições relevantes para desenvolver a política externa da Argentina. Uma delas foi precisamente a das relações com o Brasil. Participou junto com o grande estadista Arturo Frondizi de momentos liminares das relações bilaterais. Em 1980, organizou um seminário sobre a Argentina e o Brasil, o primeiro encontro binacional após os acordos tripartites de 1979 que mudaram o rumo e o tipo da relação bilateral. Junto com Celso Lafer pudemos colaborar ativamente na preparação e no desenvolvimento de um evento que convocou um grupo seleto de personalidades, de diferentes origens, correntes de pensamento e papéis sociais (diplomatas, empresários, jornalistas, militares, intelectuais). Foi uma antecipação do clima que caracterizaria a aliança estratégica lançada pelos presidentes Alfonsín e Sarney, que logo se concretizaria no Mercosul, e que continua até o presente, obviamente com alguns sobressaltos, mas sem retrocessos, impulsionada pelo compromisso de diversos estadistas e de personalidades de vários setores sociais.

Foi um grande amigo do Brasil. Sempre com um enfoque nacional, mas aberto à cooperação e à integração de esforços entre ambos os países, ou melhor dizendo, entre ambos os povos. Teve, portanto, grandes amigos no Brasil. Mas também dedicou seus esforços a outros países-chave para as relações internacionais da Argentina, quase sem limitações, mas com ênfase especial nos Estados Unidos, nos países da Europa e da Ásia e nos países vizinhos sul-americanos.

E foi um formador de pessoas. Muitos jovens de antes e de agora encontraram em Carlos Manuel Muñiz um guia, um inspirador e, sobretudo, alguém com uma inesgotável capacidade de escutar, interessar-se pelo outro, perceber gente com futuro. Nesse sentido, foi um mestre.

Variadas e ricas foram as facetas deste homem de formação clássica e humanista, de espírito positivo. O mundo da cultura sempre esteve entre as suas prioridades em todas as funções que desempenhou, especialmente no Cari.

A Argentina perdeu um grande estadista. Deixou vários escritos e, sobretudo, deixou instituições e fez escola. Carlos Manuel Muñiz não queria homenagens depois de sua morte. Mas o que estamos fazendo aqui não é uma homenagem. É um testemunho de alguém que teve a sorte de compartilhar momentos interessantes de sua trajetória, de alguém que aprendeu muito e de quem recebeu – e acredita também ter dado – uma sólida amizade.

Tradução Miriam Xavier